

O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano II | Volume 4 | Nº 10 | Boa Vista | 2020

<http://www.ioles.com.br/boca>

ISSN: 2675-1488

<http://doi.org/10.5281/zenodo.4044698>



A SUBSERVIÊNCIA DA FIGURA FEMININA E SUAS CORRENTES EXPLICATIVAS NA ÓTICA DE CECÍLIA MACDOWELL E WÂNIA PASINATO

Douglas da Silva Araújo¹

Mayara Giovana Costa Pinheiro²

Resumo

O presente estudo apresenta uma resenha crítica do texto “Violência contra as mulheres e violência de gênero: notas sobre os estudos feministas no Brasil”, de autoria de Cecília MacDowell Santos e Wânia Pasinato Izumino. Considerando a relevância desse trabalho para os estudos sobre violência contra a mulher, buscou-se caracterizar e diferenciar as correntes que na concepção das autoras representam as principais referências teóricas das Ciências Sociais sobre esse tema.

Palavras chave: gênero; violência; violência contra mulheres; violência de gênero.

Abstract

This study presents a critical review of the text “Violence against women and gender violence: notes on feminist studies in Brazil”, by Cecília MacDowell Santos and Wânia Pasinato Izumino. We tried to characterize and differentiate the currents that, in the authors' conception, represent the main theoretical references of Social Sciences on this theme.

Keywords: gender; gender violence; violence; violence against women.

A violência contra a mulher é um dos problemas mais complexos que existe na sociedade brasileira atual, permeando todos os setores e estratos sociais. Essa espécie de violência se manifesta de diversas formas, podendo ser enquadrada em várias categorias, das quais a violência doméstica contra a mulher apresenta-se como fenômeno mais recorrente, conforme se pode constatar pelos índices divulgados diuturnamente pelos organismos governamentais e não governamentais, além dos próprios meios e comunicação, como jornais, televisão e sites de internet.

As agressões sofridas pelas mulheres ao longo dos anos têm origem primordial no modelo patriarcalista da sociedade, delineado a partir de uma consciência coletiva que exalta a figura masculina em detrimento da feminina, resultando numa ideia de objetificação da mulher enquanto propriedade do homem. Tais fatores induzem a estruturação do meio social em diferentes níveis de hierarquias, criando regras culturais que durante muitos anos propiciaram (e ainda propiciam) a predominância masculina nos espaços públicos, nas instâncias políticas, detentores de autoridade e poder sobre o sexo feminino. Apesar dos avanços, essas características ainda são muito presentes, principalmente quando o contexto

¹ Professor universitário, mestre em Direito Constitucional pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e em Planejamento e Dinâmicas Territoriais pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERJ). E-mail para contato: douglasaraujojp@gmail.com

² Bacharelanda do curso de Direito da Universidade Estácio de Sá – Natal (RN). Membro do projeto de pesquisa “A violência doméstica contra a mulher no município de Natal/RN”. E-mail para contato: mayaragiovana@hotmail.com



político e social experimenta uma guinada em torno de ideias mais conservadoras. Avigorar o discurso machista significa reforçar o “argumento” que justifica a naturalização da violência feminina, concedendo “prerrogativas” violentas ao homem, respaldadas nesse simbolismo arraigado em torno da figura masculina.

Frente a todo esse contexto de violência contra as mulheres, surgiram os movimentos feministas que buscaram, dentre outros aspectos, retirar a mulher dessa condição de submissão em relação ao homem e, conseqüentemente, desnaturalizar a sua condição fustigada, agredida, subserviente, desconstruindo a ideia de que isso fosse algo comum e intrínseco a condição do “ser mulher”.

No Brasil, especialmente na década de 1980, período em que o país estava passando por uma fase de transição política do regime ditatorial para o regime democrático, os estudos sobre a violência contra a mulher ganharam visibilidade. O texto das autoras Cecília Macdowell e Wânia Pasinato, intitulado de “Violência contra as mulheres e violência de gênero: notas sobre estudos feministas no Brasil”, buscou fazer um apanhado sobre as principais correntes teóricas que versam sobre a violência contra a mulher, destacando basicamente três principais.

A primeira corrente trazida pelas autoras em seu texto diz respeito à corrente da “dominação masculina”, pensamento proposto por Marilena Chauí em seus estudos. Tal concepção entende que a violência sofrida pela mulher é consequência da dominação que o homem exerce sobre ela, que considera a condição do “ser mulher” inferior à condição do “ser homem”. Segundo essa corrente, tal situação acabou repercutindo na inexpressividade da autonomia da mulher, tornando-a um ser sem liberdade para pensar e agir, reduzida tanto a vítima como cúmplice dessa relação de dominação. Essa cumplicidade, apesar de involuntária, diz respeito ao fato da mulher ter se tornado, segundo esse pensamento, um instrumento da dominação masculina, na medida em que passou a reproduzir e se conformar com o papel social e cultural impostos por essa ideologia de superioridade.

A segunda corrente de “dominação patriarcal”, estruturada a partir dos estudos da socióloga Heleieth Saffioti, enxerga a violência como sendo consequência do patriarcado, em que a mulher é vista historicamente como subalterna, vítima do controle social masculino. De acordo com essa corrente, as mulheres eram exploradas e consideradas como sendo objetos sexuais dos homens, sofrendo segregação e marginalização no mundo do trabalho, sendo-lhes reservadas apenas as atividades do âmbito doméstico. Diferentemente do que prega a corrente da “dominação masculina”, aqui não há que se falar que a violência é fruto apenas da concepção de superioridade masculina, mas sim resultado de uma conjuntura social que atribuía ao homem o papel de protagonista nas relações sociais, possuindo maior “relevância social” que a mulher. Diferindo ainda mais da corrente da dominação masculina, aqui a



mulher não é vista como “cumplice” do homem na propagação dessa situação, e sim como vítima dessa conformação social que propalava a sujeição e a subordinação da figura feminina.

A terceira e última corrente, abordada a partir da perspectiva dada por Maria Filomena Gregori, diz respeito à “corrente relacional”, apontando a violência contra a mulher como sendo uma forma de comunicação entre os sujeitos, como sendo um jogo relacional e não uma relação de poder. É mediante essa forma de comunicação [muitas vezes perversa] que homem e mulher conferem significados as suas práticas. Aqui a mulher não é uma vítima, mas sim uma cúmplice na reprodução de papéis de gênero que alimentam a violência. Assim, essa corrente relativiza a noção de dominação masculina e vitimização feminina, sendo a violência, nesse sentido, perpetuada a partir da cumplicidade e do papel da mulher nessas relações.

Portanto, constata-se a relevância das correntes abordadas pelo texto em análise, uma vez que, elas nos revelam diferentes aspectos a respeito dos fatores que motivaram e explicam a violência praticada contra as mulheres, apresentando cada uma delas uma perspectiva própria sobre a posição da mulher dentro relações de violência, a partir de óticas de Marilena Chauí, Heleieth Saffioti e Maria Filomena Gregori.

REFERÊNCIA

SANTOS, Cecília Macdowell; IZUMINO, Wânia Pasinato. “Violência contra as mulheres e violência de gênero: notas sobre os estudos feministas no Brasil”. **Estudios Interdisciplinários de America Latina y El Caribe**, vol. 16, n. 2005.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano II | Volume 4 | Nº 10 | Boa Vista | 2020

<http://www.ioles.com.br/boca>

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima